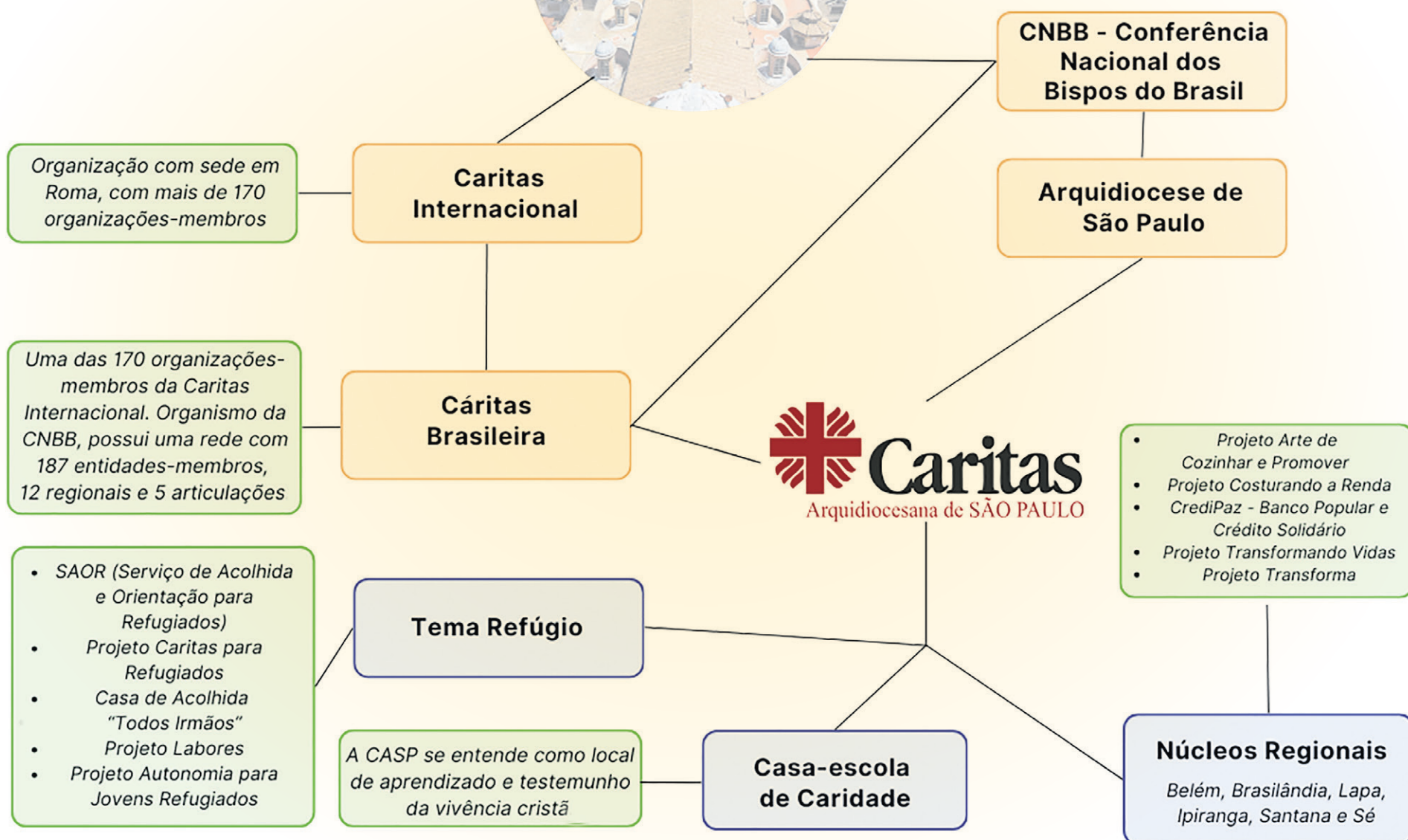




Caritas

Arquidiocesana de SÃO PAULO

56 ANOS DE HISTÓRIA



A Caritas Arquidiocesana de São Paulo (CASP), braço social estendido da Arquidiocese de São Paulo, completará, no próximo dia 4 de abril, 56 anos de uma jornada amorosa no cumprimento de sua missão de promover a caridade e o bem comum, visando a colaborar para a construção de uma sociedade mais justa e fraterna a todos.

Uma das 187 entidades-membro ligadas à Cáritas Brasileira, a CASP surgiu no período em que a Cáritas Brasileira organizou escritórios regionais para facilitar a distribuição de alimentos que chegavam dos Estados Unidos.

A regional criada em São Paulo também fazia o papel de uma Caritas para a Arquidiocese de São Paulo, organizada pelos padres Oblatos de Maria Imaculada, que eram de origem norte-americana. Durante mais de uma década, eles foram responsáveis pela administração da operação da unidade.

Em 1967, o Cardeal Agnelo Rossi,

Missão da Caritas Arquidiocesana de São Paulo

“Promover o desenvolvimento integral da pessoa humana e a construção do bem comum, dando testemunho do Amor de Deus (At 1,8) para a transformação da sociedade, com atenção especial aos que sofrem mais duramente as dificuldades da vida”.

então Arcebispo de São Paulo, optou por trazer esta unidade da Caritas para a administração direta da Arquidiocese. A intenção dele era expandir o escopo de atuação, o que significava também a abertura de horizontes para a CASP em suas atividades de promoção humana. Desde então, a CASP passou a ser a responsável pela coordenação das atividades de todas as entidades beneficentes, de orientação ou inspiração católica na Arquidiocese.

Em 1º de dezembro daquele ano, Dom Agnelo Rossi convocou e presidiu uma Assembleia Geral Extraordinária

com a finalidade de estabelecer um estatuto para dar personalidade jurídica à CASP, refletindo o novo modelo de entidade que ele queria imprimir.

“A Caritas Arquidiocesana surgiu em 1968, pensando nas obras sociais na cidade, principalmente nas regiões mais periféricas. A proposta inicial era realmente conseguir captar recursos que vinham da Alemanha, de instituições católicas como a Misereor e a Adveniat, que ajudavam o Brasil e ainda ajudam com projetos sociais. A CASP surgiu no sentido de articular e animar as organizações, os projetos sociais de caridade da Arquidiocese

de São Paulo”, recordou o Padre Marcelo Maróstica, Vice-Diretor da CASP.

ESTATUTO

Em seu Estatuto, a CASP é especificada como entidade beneficente, de fins assistenciais e não lucrativos, com sede na cidade de São Paulo.

Embora fosse juridicamente autônoma, a CASP passou a ser parte integrante do Conselho de Pastoral da Arquidiocese de São Paulo, dirigindo a Ação Social da Igreja.

O primeiro diretor nomeado foi o Padre Luciano Túlio Grill. Também compuseram a primeira diretoria Geraldo Dias Moreira (secretário-executivo), Wellington Moreira Santos (tesoureiro) e Hilda Zanini Turano (coordenadora-geral).

A forma como a Caritas Arquidiocesana de São Paulo foi instituída e, principalmente, o seu papel, convergiam com as diretrizes do Concílio Vaticano II, que mudaram a forma como a Igreja passou a se relacionar com a sociedade.

Uma referência no tema refúgio no Brasil

O surgimento da *Caritas Arquidiocesana de São Paulo* (CASP) converge com um período político de restrições de liberdade no Brasil. A questão dos exilados políticos estava no radar da Igreja Católica.

Há pouco mais de 50 anos, por iniciativa de Dom Paulo Evaristo Arns, então Arcebispo Metropolitano, nascia a Comissão Justiça e Paz de São Paulo, cujo objetivo era denunciar e combater as violações de direitos humanos durante o regime militar brasileiro.

Embora haja na cidade de São Paulo uma série de organismos sociais ligados à Igreja Católica no trabalho com a população refugiada, migrante e apátrida, a *Caritas Arquidiocesana de*

São Paulo é hoje conhecida como uma referência no tema.

O primeiro registro nesse sentido foi feito há 47 anos, a partir do atendimento de um refugiado vietnamita. Entretanto, foi apenas em 1989 que a CASP firmou parceria com o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), estruturando esse braço de atuação, hoje chamado de **Serviço de Acolhida e Orientação para Refugiados (SAOR)**.

O projeto tem como objetivo oferecer resposta multissetorial integrada, com atendimento direto e gratuito em assistência social, saúde mental, proteção legal e integração local para pessoas refugiadas, solicitantes de refúgio e

apátridas no estado de São Paulo, presencialmente na sede CASP e em mutirões e idas aos territórios com maior concentração de migrantes, assegurando o sigilo e a confidencialidade das pessoas atendidas.

A decisão sobre a validade da condição de refugiado cabe ao Comitê Nacional para Refugiados (Conare), do qual fazem parte órgãos do governo federal, organizações da sociedade civil dedicadas a atividades de assistência, integração local e proteção aos refugiados no Brasil, entre as quais a *Caritas Arquidiocesana de São Paulo* e a do Rio de Janeiro, o ACNUR e a Defensoria Pública da União.

Nesse contexto, a CASP adotou

e continua a tomar medidas focadas no desenvolvimento de parcerias, políticas públicas e alterações legais necessárias ao respeito dos direitos das pessoas solicitantes da condição de refugiadas acolhidas no Brasil, em conformidade às obrigações internacionais assumidas pelo Brasil, como a assinatura da Convenção de Genebra de 1951 (Estatuto dos Refugiados) e do seu Protocolo de 1967.

A CASP trabalha em conjunto com o ACNUR, o Conare – no qual a entidade possui assento com direito a voto – e com segmentos da sociedade civil, buscando garantir a plena integração das pessoas refugiadas na sociedade brasileira.



REFUGIADO X MIGRANTE X APÁTRIDA Você sabe a diferença?

Refugiados: Pessoas que fugiram da guerra ou perseguição e cruzaram uma fronteira internacional.

Migrantes: Aqueles que se deslocaram por razões que não se encaixam na definição legal de refugiado.

Apátridas: Pessoas que não têm sua nacionalidade reconhecida por nenhum país, o que se dá por diversas razões, como discriminação contra as minorias.

SAOR: Acolhida, assistência, proteção, integração e saúde mental

✓ **Acolhida:** Recepção da pessoa migrante, que necessita de proteção internacional e que, muitas vezes, encontra-se em situação de franca vulnerabilidade social.

Em 2023, o setor de Acolhida atendeu **2.071 novas pessoas**, entre solicitantes de refúgio, refugiados e outras de interesse, de **43 nacionalidades**.

OS PRINCIPAIS PAÍSES DE ORIGEM FORAM:

- 1º) Venezuela . 1.002 pessoas (48%)
- 2º) Afeganistão 592 (29%)
- 3º) Cuba 95 (5%)
- 4º) Angola 69 (3%)
- 5º) Síria 37 (2%)

✓ **Proteção:** Orientações sobre solicitação de refúgio, orientações jurídicas mediante as necessidades apresentadas, elaboração de parecer jurídico encaminhado ao ACNUR e ao Conare para subsidiar a avaliação da pertinência de se conceder a condição de refúgio a uma pessoa solicitante, apoio na reunificação familiar, fiscalização de denúncias, palestras,

participação em comitês e comissões, formação de rede de proteção e articulação com órgãos públicos.

Em 2023, 62% dos atendimentos foram feitos aos venezuelanos; 20% aos afegãos; e 18% para outras nacionalidades (principalmente síria e cubana). Do total, **243 foram relacionados ao documento de refúgio e 271 relacionados à autorização de residência temporária ou permanente**.

✓ **Assistência Social:** Colaboração com as necessidades básicas emergenciais das pessoas solicitantes e dos refugiados, tais como o primeiro albergamento, o encaminhamento para a documentação de identidade, moradia provisória, ajuda financeira, entre outros.

No total, **964 pessoas, de 35 nacionalidades**, foram atendidas, sendo os principais países de origem: Venezuela (727, sendo 539 mulheres), Afeganistão (75 das quais 34 mulheres) e Cuba (45, sendo 27 mulheres).

mentos e encaminhamento para trabalho e apoio ao empreendedorismo.

No ano passado, **foram orientadas 776 pessoas (55% mulheres e 45% homens; 75% pessoas entre 18 e 45 anos), em 1.273 atendimentos** - 38% dos atendimentos foram realizados mais de uma vez, sendo as principais demandas reincidentes:

- 1º) **cursos profissionalizantes**
- 2º) **orientação de trabalho**
- 3º) **empreendedorismo.**

OS CINCO PRINCIPAIS PAÍSES DE ORIGEM FORAM:

- 1º) Venezuela 452
- 2º) Afeganistão 131
- 3º) Cuba 48
- 4º) Nigéria 21
- 5º) Angola 20

✓ **Saúde Mental:** Atendimento psicológico e terapêutico individual àqueles que desejam, por estarem especialmente debilitados emocionalmente em razão das adversidades sofridas ao longo de todo o processo migratório.

No ano passado, foram realizados **124 atendimentos**, sendo a média geral de quatro sessões por pessoa. Do total, 64 foram atendidas apenas uma vez, em sessões individuais de 50 minutos.

Além disso, a CASP promoveu um projeto intitulado Rodas de Mulheres, um espaço de escuta de mulheres em situação de refúgio ou migrantes, com o objetivo de oferecer espaço seguro de proteção e de cuidado.

CASA DE ACOLHIDA: PARCERIA DA CASP PARA A POPULAÇÃO AFEGÃ

A Casa de Acolhida “Todos Irmãos”, localizada no município de Guarulhos (SP), é coordenada pela CASP em parceria com a Caritas Diocesana de Guarulhos, o ACNUR e a prefeitura. O projeto tem como objetivo promover e fortalecer a integração social, produtiva e cultural de afegãos em situação de refúgio.

Inaugurada em agosto de 2022, no auge da crise migratória de afegãos para o Brasil, depois que o grupo radical Talibã tomou o poder no país em 2021, o local funciona como um acolhimento provisório, com capacidade para 27 pessoas ao mesmo tempo mais dois bebês.

No ano passado, **256 afegãos e afegãs passaram pelo local**.

PROJETO AUTONOMIA PARA JOVENS REFUGIADOS

Em parceria com o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, o projeto tem como objetivo promover a autonomia e a integração socioeconômica de jovens refugiados com até 24 anos, por meio de ações de educação e formação profissional. São realizados encaminhamentos para cursos de português e inglês, cursos profissionalizantes, orientações para o acesso ao ensino formal, pré-universitário e superior, apoio com tradução juramentada, entre outros serviços. O projeto conta com sala de informática com computadores para uso dos jovens nas atividades relacionadas ao tema.

Em termos de auxílio financeiro, abaixo estão os números de concessões em 2023:

	Venezuela	Afeganistão	Outros países	Total
Auxílios concedidos	519	21	46	586
Núcleos familiares beneficiados	207	8	20	235
Pessoas beneficiadas	628	45	59	732

✓ **Integração Local:** Mediante convênio com entidades parceiras, como o Sesc e o Senac, são oferecidos cursos de português, universitários e profissionalizantes e, tam-

bém, orientação para a inclusão de crianças e jovens no ensino regular, reconhecimento de documentos escolares, validação de diplomas universitários, obtenção de docu-

Núcleos Regionais: braços de caridade da CASP nas regiões episcopais

Sob o guarda-chuva da CASP também estão seis Núcleos Regionais, que representam as Regiões Episcopais da Arquidiocese: Belém, Brasilândia, Ipiranga, Lapa, Santana e Sé.

Ao longo dos anos, os Núcleos Regionais começaram a ser administrados de modo separado do que seria a “sede” da CASP, sendo vinculados aos bispos auxiliares da Arquidiocese nas respectivas regiões.

Contudo, em 2011, o Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo de São Paulo e Presidente do Conselho da CASP, inseriu no Estatuto da entidade um regulamento reunificando a estrutura administrativa, estabelecendo, assim, que as coordenações dos Núcleos Regionais se reportassem à diretoria da instituição. Desse modo, toda a estrutura passou a ter novamente um único balanço contábil.

Cada Núcleo Regional tem papel de extrema relevância nas regiões e comunidades onde atua, e em atividades no âmbito do *Dia Mundial dos Pobres*, *Campanha do Agasalho* e *Campanha da Fraternidade*.

Todas as ações realizadas pelos Núcleos Regionais têm como característica o impacto direto e indireto nas populações em situação de vulnerabilidade social a que se destinam. Isso porque muitas das ações envolvem atividades de geração de renda, pois a CASP tem o intuito de “*promover o desenvolvimento integral da pessoa humana (...)*”, ou seja, possibilitar que cada indivíduo seja o agente construtor de sua própria trajetória de vida.

DIVISÃO DOS NRS:

Belém (zona Leste): É coordenado pela advogada e voluntária Adriana Omena. Entre os projetos tocados pelo NR Belém está o “Mãos Solidárias”, cuja proposta é colaborar com a melhoria da saúde mental de pessoas por meio do diálogo e terapia ocupacional, utilizando como ferramenta a confecção de produtos artesanais, que são posteriormente distribuídos a organizações sociais parceiras e comunidades da Região Belém. Há ainda o projeto “Costurando a Renda”, em parceria com outras entidades, com a proposta de

contribuir para a geração de trabalho e renda a mulheres em situação de vulnerabilidade social.

Brasilândia (zona Norte): É coordenado pelo Diácono Francisco Pereira. No ano passado, o NR organizou, com apoio financeiro da CASP, o projeto “Arte de Cozinhar”, em parceria com a Paróquia de São Francisco de Assis, no Jardim Guarani, zona Norte da capital. O projeto contou com oficinas de panificação e confeitaria, voltadas a mulheres em situação de vulnerabilidade social, com a proposta de geração de emprego e renda.

Ipiranga (zona Sul): Coordenado pelo Diácono Feliciano Bonitatibus, o NR realizou em 2023 uma ação em parceria com o Lions Club Ipiranga, para oferecer exames de visão a crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade, por ocasião do Dia Mundial dos Pobres. Foram atendidas mais de cem pessoas nesta faixa etária. Foram doados mais de 70 óculos.

Lapa (zona Oeste): É coordenado pela assistente social Monica Picco. No ano passado, o NR Lapa organizou o curso “Fé e Finanças”, com o apoio das paróquias da região, para contribuir com a organização financeira de famílias em situação de vulnerabilidade. No Dia Mun-

dial dos Pobres, o NR Lapa também realizou uma série de ações sociais nas regiões de abrangência. Em breve, iniciará uma formação para capacitação de agentes das pastorais da Região sobre o Credipaz, organização sem fins lucrativos que concede empréstimos para pequenos empreendedores.

Santana (zona Norte): É coordenado pelo Diácono Nilo Carvalho. O NR possui atuação com comunidades carentes da Região para distribuição de cestas básicas e, também, ações de combate à violência contra crianças de comunidades carentes da região. Por ocasião do Dia Mundial dos Pobres, no ano passado, o NR promoveu ação para distribuir 216 litros de leite a famílias vulneráveis econômica e socialmente.

Sé (região Central): Coordenado pela Irmã Elizangela Matos dos Santos, o NR Sé tem como foco principal o trabalho com mulheres em situação de vulnerabilidade da região central da cidade. Recentemente, a unidade iniciou o “Projeto Transforma”, com o apoio da Congregação Irmãs de Santa Cruz, por meio da qual promoverá cursos e oficinas para geração de renda. Além disso, no local acontecem palestras

e rodas de conversa sobre diversos temas, como violência de gênero.

Casa-escola de caridade e o voluntariado na CASP

O trabalho realizado pela *Caritas Arquidiocesana de São Paulo* não seria possível sem o auxílio de voluntários. São eles que dirigem, coordenam e apoiam todas as ações da CASP. Mas não só: o voluntariado da CASP já foi acionado para dar suporte a parceiros da entidade, como a Defesa Civil de São Paulo.

A CASP se entende como local de aprendizado e testemunho de vivência cristã, nos moldes de uma casa-escola de caridade, tanto para seus colaboradores internos quanto para as pessoas com quem interage.

Afinal, o trabalho desenvolvido pela CASP aponta para valores de vida, que estimulam o saber dar-se de si próprio, com solicitude e gratuidade.

É um ambiente na qual todos podem desfrutar de abertura para o diálogo livre e sincero. Simultaneamente, é também uma escola de realismo da condição socioeconômica enfrentada pelas pessoas que padecem mais duramente a realidade da vida, estimulando em cada indivíduo o próprio amadurecimento e o desejo de participar diretamente da construção do bem comum.

Outras ações: Campanhas SOS Litoral Norte e SOS Rio Grande do Sul

Além da Campanha do Agasalho, que realiza todos os anos, a *Caritas Arquidiocesana de São Paulo* também se envolve em outras iniciativas. No ano passado, por exemplo, a entidade realizou duas campanhas para arrecadação de recursos para as vítimas das chuvas no Litoral Norte de São Paulo e no Rio Grande do Sul.

A campanha SOS Litoral Norte arrecadou mais de R\$ 230 mil, que foram repassados à Caritas da Paróquia de São Sebastião e, também, à própria paróquia.

Pouco mais de um ano depois da tragédia, os recursos ainda continuam ajudando a comprar itens de necessidades básicas às famílias que perderam tudo.



Assessoria de Comunicação CASP

COMO APOIAR NOSSA MISSÃO

- Cestas básicas
 - Fraldas: Geriátrica e Infantil
 - Itens de higiene para adultos e crianças
 - Lã para confecção de roupas de bebê
 - Tecidos: viscose, algodão, tricoline, flanela, soft e outros
 - Roupas: feminina e masculina
 - Material escolar
- Para doações:
sandraclias@caritassp.org.br
11 97628-5362

PARA DOAÇÕES EM DINHEIRO

PIX: (e-mail) pix@caritassp.org.br
Caritas Arquidiocesana de São Paulo
CNPJ 62.021.308/0001-70
Banco Bradesco – 237
Ag. – 0099
Conta poupança – 1.000.154-4

Saiba mais sobre a nossa missão em nosso site: www.caritassp.org.br
Redes Sociais: Facebook @caritassp
Instagram: @caritassarqsp

ESTA É MINHA HISTÓRIA

‘Entrei na personagem para deixar de pensar no passado’

Adriana Cardoso

O congolês Tifani Ndangi nem sabia que estava saindo da República Democrática do Congo (RDC) rumo ao Brasil. Um dia, seu pai, Vicki Lube Basakinina, entrou em seu quarto e disse: “Ajude seus irmãos a fazerem as malas!”.

Era uma noite de sexta-feira de setembro de 2014. Ele estava em seu quarto estudando para uma prova. “Fazia quase um ano que não via meu pai. Fiquei em choque, sem entender. Eu não me esqueço dessa frase até hoje”, rememora Tifani, com a voz pausada e em português com um leve sotaque francês.

Tifani tinha 20 anos à época. Ele é o mais velho de quatro irmãos. Todos fizeram as malas e começaram a viagem: da República Democrática do Congo para o Congo e, de lá, para Marrocos, de onde partiram para São Paulo.

‘MEU PAI SABIA DEMAIS’

O jovem e sua família moravam em uma casa confortável em Kinshasa, capital da República Democrática do Congo. Seus pais tinham uma empresa de vestuário com cerca de 20 empregados e ele, enquanto era estudante, chegou a fazer alguns trabalhos como modelo.

Os problemas para a família começaram quando o pai, um policial que trabalhava no governo de então, decidiu deixar o posto por um certo “descontentamento”.

“Meu pai fazia parte de um grupo político que era do governo e, depois de um tempo, decidiu mudar para a oposição. Foi então que começou a cair o castelo dele. As pessoas que trabalhavam com ele diziam que meu pai sabia demais”, lembra.

A família começou a ser perseguida. Milícias armadas ligadas ao grupo político governista entravam na casa deles, promovendo todo tipo de violência. “Chegaram a ameaçar estuprar a minha mãe na nossa frente!”, recorda, indignado.

Tifani diz que o pai, certa vez, foi parar no hospital, todo machucado. Até hoje, ele não sabe ao certo o que aconteceu. O “incidente” deixou o pai com lapsos de memória. Tifani também não sabe o porquê de o Brasil ter sido escolhido como destino da família.

A CHEGADA

A família – pai, mãe, Tifani e mais três irmãos, sendo o menor uma menina – desembarcaram no Aeroporto de Guarulhos, em São Paulo, em algum dia entre 9 e 11 de setembro de 2014.

“Nós tínhamos o primo de alguém que nos esperaria no aeroporto, mas ele não apareceu”, recorda.

Sem conhecerem ninguém, sem saberem nada de português, eles ficaram cerca de duas horas andando desorientados pelo aeroporto, até se aproximarem de um homem que parecia ser congolês. “Foi esse anjo que nos ajudou. Ele estava no Brasil havia dois anos e nos levou até um hotel no Brás [região central de São Paulo]. Estávamos cheios de medo, traumatizados, não conseguíamos interagir.”

Antes de virem a São Paulo, o pai havia vendido uma casa da família. Com os dólares, embarcaram



Arquivo pessoal

anteriormente para a obtenção de documentação no País.

A família permaneceu por nove meses no abrigo até alugar uma casa, no bairro de São Mateus, na zona Leste de São Paulo.

‘POR QUE ISSO ACONTECEU COMIGO?’

Tifani disse que entender-se como um refugiado é um processo demorado: “Há uma série de perguntas: ‘Por que isso aconteceu comigo?’; ‘Será que isso vai continuar assim?’; ‘Será que vou poder voltar a viver a minha vida antiga?’ Foi um processo difícil”.

Para se proteger dentro da nova vida, ele diz que “entrou na personagem de uma pessoa refugiada para deixar de pensar no passado, porque é difícil esquecer”.

“A personagem é uma estratégia de sobrevivência, me deu força para agarrar a vida. Nos seis primeiros meses aqui no Brasil, eu continuava achando que minha vida era a mesma, não queria saber de trabalhar, só de estudar”, diz.

A “chave virou” quando soube que sete pessoas da família de seu pai foram mortas na República Democrática do Congo devido às conexões políticas do pai. “Isso quebrou as nossas

pernas’. Vimos que não dava mesmo para voltarmos. A Caritas acompanhou esse processo. Tivemos apoio psicológico”, conta.

PILOTO

Em 2020, Tifani conseguiu uma bolsa para fazer um sonhado curso de piloto privado de avião e helicóptero, concluído em 2021. O sonho dele é continuar os estudos, mas ainda lhe faltam recursos.

Aos 29 anos, ele vive em uma casa e os pais e os irmãos mais novos – um rapaz de 24 anos e uma menina de 16 – em outra.

No ano passado, Tifani foi eleito para o Conselho Municipal de Imigrantes (CMI), um espaço de discussão de políticas para migrantes, refugiados e apátridas ligado à Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania de São Paulo. Além da participação política, ele também organiza eventos.

CONFLITO NO PAÍS

Tifani assegura que pretende voltar um dia para a República Democrática do Congo, mas só como visitante. Ele permanece preocupado com a situação da nação, que, há pelo menos três décadas, trava uma batalha contra Ruanda.

Segundo Tifani, a RDC é rica em minérios, como ouro e cobalto, cobiçado por Ruanda, que financia o grupo armado chamado M23 (Movimento 23 de Março). Cerca de 12 milhões de pessoas já perderam suas vidas no conflito.

Ele e alguns conterrâneos estão organizando uma manifestação para o dia 24 de março, na Avenida Paulista, visando a chamar a atenção para a situação de seu país. “Quando conflitos dessa magnitude acontecem na África, passa de forma muito rápida na mídia, ninguém fala nada. Por isso, queremos fazer esse alerta”, conclui.

para o Brasil. Por sorte, conta ele, todo o dinheiro trazido na mala não passou pela fiscalização da Polícia Federal no aeroporto nem foi roubado.

Uma semana depois, a família começou a procurar abrigo e foi instalada em um no centro de São Paulo, onde também eram acolhidas pessoas em situação de rua. A estada era permitida apenas para o pernoite. A experiência nas ruas deixou a família ainda mais assustada. Também lhes causava estranheza o fato de que todos tomavam banho juntos no abrigo. “Na minha cultura não se toma banho com o pai. Não se pode ver o corpo do pai, é como um sinal de azar, de que a vida não vai andar para frente.”

O PRIMEIRO CHORO E UMA NOVA ESPERANÇA

Um dia, a família estava sob um viaduto, em meio a pessoas se drogando. “Algumas pessoas em situação de rua começaram a ameaçar a minha família. Não entendemos e não ligamos. Mas meu irmão mais novo, então com 14 anos, começou a chorar, questionando o meu pai sobre o porquê de ele nos ter trazido para o Brasil. Meu pai começou a chorar também. Foi a primeira vez que vi meu pai chorando”, lembra Tifani.

A família, então, se rebelou para forçar a saída do abrigo e foi levada para outro lugar, no qual meninos e meninas ficavam em quartos separados.

“Foi melhor nesse abrigo. Até digo que 70% da minha integração no Brasil aconteceu lá. Pudemos organizar a vida, começamos a sair. Só havia imigrantes e refugiados. Tinha uma educadora que nos ajudava. Ela era francesa, se não me engano. Por isso, eu acho que esses abrigos deviam contratar imigrantes para ajudar na integração”, opina.

No novo abrigo, ele começou a fazer aulas de português em um curso oferecido pela *Caritas Arquidiocesana de São Paulo*, que já tinha auxiliado a família